

Fundamentalismo e Adventismo no século XXI: uma leitura da *Revista Adventista* (2000-2019)

Fundamentalism and Adventism in the 21st century: a reading of the *Adventist Journal* (2000-2019)

*Breno Martins Campos*¹

*Samir Domingues Costa*²

RESUMO

Com base em pesquisa bibliográfica e documental, este artigo contribui com mais um passo na direção de classificar o fundamentalismo protestante no Brasil. Mais do que reconhecer a presença do fundamentalismo na *igreja do outro*, o que se busca é compreender como a Igreja Adventista do Sétimo Dia se localiza no fundamentalismo ou, por inversão, como reconhece o fundamentalismo em si mesma. Para isso, a quase totalidade das obras de referência (tanto as fontes primárias como as secundárias) foi buscada em documentos e autores adventistas. Como resultado, constata-se que, dentro da mais que centenária controvérsia liberalismo *versus* fundamentalismo, o adventista tenderia ao fundamentalismo, não fosse ele um termo-conceito carregado de juízo de valor negativo. Entretanto, adventistas reconhecem seu “fundamentalismo” (assim, entre aspas) no que preservam do conservadorismo protestante sobre o estatuto de verdade das Escrituras – mas não na totalidade do espírito e *ethos* do movimento fundamentalista originário.

PALAVRAS-CHAVE

Fundamentalismo protestante; Igreja Adventista do Sétimo Dia; *Revista Adventista*; Brasil; Século XXI.

¹ Doutor em Ciências Sociais, membro do Corpo Docente Permanente do PPG em Ciências da Religião da PUC-Campinas e professor da Faculdade de Ciências Sociais.

² Mestre em Ciências da Religião pela PUC-Campinas, doutorando em Estudos da Religião, Universidade Católica Portuguesa – Braga, UCP-Braga, Portugal.

ABSTRACT

Based on bibliographic and documentary research, this article intends to contribute towards classifying Protestant fundamentalism in Brazil. More than recognizing the presence of fundamentalism in the church of the other, this article seeks to understand how the Seventh-day Adventist Church locates itself in fundamentalism or, on the contrary, how it recognizes fundamentalism in itself. For this, almost all reference works (both primary and secondary sources) were sought in Adventist documents and authors. As a result, it finds that, within the centennial controversy of liberalism versus fundamentalism, the Adventist would have tended toward fundamentalism, if it were not a concept full of negative judgement. However, Adventists recognize their “fundamentalism” (thus, in quotation marks) in preserving Protestant conservatism about the status of truth in the Scriptures – but not in the entirety of the spirit and ethos of the original fundamentalist movement.

KEYWORDS

Protestant fundamentalism; Seventh-Day Adventist Church; Adventist Review; Brazil; 21st Century.

Introdução

O objetivo deste artigo é contribuir, com um passo a mais, para o conjunto de classificações e definições referentes ao fundamentalismo religioso (e protestante, mais especificamente). Como pressuposto, considera-se que nunca se falou nem se escreveu tanto sobre fundamentalismo no Brasil como hoje. Ademais, pondera-se que a presença hipertrofiada do conceito fundamentalismo – por exemplo, em pautas da imprensa, mas não somente nelas – revela que as investigações ou pesquisas sobre o tema interessam não somente à academia universitária, com seus atores e regras próprias, mas também a toda sociedade brasileira, dentro e fora do campo religioso.

Algo que parece taxativo para o conhecimento do senso comum é que fundamentalismo só pode ser tomado como categoria de acusação – e que, por conseguinte, fundamentalista é somente o outro. Mas o pesquisador,

no exercício de seu ofício, não pode se restringir ao conhecimento compartilhado socialmente em seu tempo, nem se fixar em sistemas hegemônicos de *taxonomia* dos fenômenos sociais. Portanto, a novidade que se pretende acrescentar à discussão é que há denominações religiosas que, ainda hoje, se assumem como fundamentalistas – e oferecem as razões de sua mentalidade e postura. No caso particular deste artigo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (doravante, IASD) é a denominação que está colocada em questão.

Aqui, faz-se necessária uma rápida digressão para indicar qual é o sentido dado ao conceito *denominação*. Richard Niebuhr propôs com boa dose de razoabilidade que as denominações nos EUA se originaram por questões sociais (econômicas, políticas, nacionalistas, étnicas etc.), e não por fatores teológicos.³

O historiador eclesiástico americano Richard Niebuhr introduziu o conceito “denominação”. Definiu-o assim: “Denominação é uma Igreja que reconhece o direito de existir de outras Igrejas”. Não é por acaso que a expressão “denominação” provém da América – uma sociedade que pode ser considerada pioneira do pluralismo moderno.⁴

Dada a origem estadunidense e oitocentista do adventismo, num cenário marcado pelo pluralismo religioso, parece muito adequado que a IASD seja tratada como uma denominação protestante dentre outras.⁵ Não se pretende dar continuidade a debates que já são clássicos na relação entre *adventismo* e *fundamentalismo*,⁶ mas, sim, oferecer outra visão

³ NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: Ciências da Religião; ASTE, 1992.

⁴ BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 62.

⁵ A discussão extrapolaria o escopo e os limites deste artigo, mas é imperativo registrar que não é sem controvérsia que a IASD deva ser contada dentre as igrejas protestantes (KNIGHT, George R. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005).

⁶ TIMM, Alberto R. A history of Seventh-day Adventist views on Biblical and prophetic Inspiration (1844-2000). *Journal of the Adventist Theological Society*, 10/1-2, p. 486-542. Artigo em que o autor coloca a controvérsia “modernismo versus fundamentalismo” num contexto ampliado de análise da teologia e história adventistas.

ou chave de leitura para o caso da controvérsia entre modernismo (liberalismo) e fundamentalismo, e o lugar do adventismo dentro dela, em três miradas que se coadunam – quase que na totalidade baseadas em fontes (primárias e secundárias) adventistas, ou seja, o que se propõe é uma leitura *desde dentro* da denominação.

A primeira mirada recoloca em questão uma opinião razoavelmente recente de Rodrigo Follis acerca do paradoxo sustentado pela IASD, por ser, ao mesmo tempo, moderna e fundamentalista.⁷ Há de se conjecturar que os aspectos identitários da IASD – ao mesmo tempo, modernos e fundamentalistas – talvez não configurem necessariamente um paradoxo, mas, sim, se encontrem na seguinte correlação: “fundamentalista *porque* moderna”. Cronologicamente, a segunda dá um passo para trás no concernente às relações entre adventismo e fundamentalismo. Por meio de um diálogo criativo com George R. Knight, pretende-se responder à questão “*o que há de fundamentalista no adventismo?*”⁸ Como a abordagem histórico-teológica de Knight acerca da identidade adventista não adentra o século XXI, a terceira pretende *dar conta* de discutir as relações entre adventismo e fundamentalismo de um modo mais empírico: o que pensa hoje a IASD sobre a mesma questão, que está posta, na verdade, desde o final do século XIX? Possíveis respostas são construídas por meio da leitura e interpretação do conteúdo de recortes da *Revista Adventista* (doravante, *RA*), que versaram sobre o assunto a partir de 2000 – ano que fechou de fato o século XX e, ao mesmo tempo, abriu simbolicamente o XXI – até os dias de hoje, percorrendo quase duas décadas de construção e manutenção da mentalidade da denominação no Brasil.

1. IASD: modernidade e fundamentalismo

A despeito da profusão de textos acadêmicos e jornalísticos sobre fundamentalismo, para citar somente produtos de duas naturezas, destaca-se

⁷ FOLLIS, Rodrigo. Igreja Adventista do Sétimo Dia: supostos paradoxos nas definições de fundamentalismos. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 135-169.

⁸ KNIGHT, 2005.

segundo o escopo deste artigo a importância da publicação em 2013 do livro *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*,⁹ inteiramente dedicado à questão que interessa aqui – na verdade, foi ele que serviu de ponto de partida (e pedra de toque) para as reflexões propostas. Como hipótese, assume-se que o mecanismo de considerar fundamentalista somente o outro talvez seja mais fácil de ser estudado e compreendido do que o exercício que indaga, por exemplo, como uma denominação religiosa se posiciona em face do fundamentalismo. Noutros termos, o que interessa não é tanto se uma denominação religiosa é contra o fundamentalismo ou a favor dele, mas, antes, qual é o lugar dela no fundamentalismo ou, vice-versa, qual é o lugar do fundamentalismo nela.

Segundo Sandra Duarte de Souza, organizadora do livro *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*, a coletânea dos capítulos publicados resultou “das discussões ocorridas durante o Colóquio de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo em 2012, que teve como tema: Recrudescimento dos fundamentalismos na contemporaneidade”.¹⁰ O título do colóquio parece dar razão ao pressuposto assumido: de fato, há um recrudescimento do fundamentalismo na contemporaneidade. É a própria organizadora do livro quem ajuda a pensar nos sentidos dessa intensificação fundamentalista no contemporâneo (que, de resto, não é uma exclusividade brasileira):

O colóquio proporcionou discussões acerca da relação entre fundamentalismo e modernidade, acerca de suas origens protestantes, de sua presença ressignificada em outras expressões religiosas, de sua apropriação e amplificação pela mídia, de sua projeção política etc.¹¹

Entendendo o fundamentalismo como uma reação moderna à modernidade – portanto, com certa rejeição de definições muito esgarçadas de fundamentalismo, mas, ao mesmo tempo, sem negar a elasticidade conceitual do fenômeno –, Souza considera que “as escrituras sagradas

⁹ SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

¹⁰ SOUZA, 2013, p. 7.

¹¹ SOUZA, 2013, p. 7.

são a forma mais tangível da verdade para os fundamentalistas, que não aceitam quaisquer interpretações modernas dos textos sagrados, e nem mesmo que estes sejam, eles mesmos, interpretações”.¹² Assim, o fundamentalismo se apresenta mais como atitude ou mentalidade do que propriamente como um conjunto de crenças – embora exista também, sem nenhuma dúvida, um conjunto de crenças mais fundamentais do que outras a caracterizar os fundamentalismos (especialmente se a ênfase estiver colocada nas assim chamadas religiões *do livro*). Por conseguinte, nada mais adequado do que relacionar o fundamentalismo – o primeiro da série – com os protestantes, afinal, foram eles pródigos em relacionar o texto (escriturístico) com a verdade, num tempo (décadas finais do século XIX e iniciais do XX) e lugar (EUA) muito específicos. Depois, por extrapolação das fronteiras do protestantismo histórico ou tradicional, o fundamentalismo foi ganhando espaço, para atingir outras expressões do cristianismo, outras religiões, a política etc.

Daquilo que Souza comenta na apresentação ao livro *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*, interessa destacar, mais uma vez, as relações entre fundamentalismo e modernidade – como uma espécie de convite formal para a entrada da IASD na discussão, notadamente por meio do capítulo de Rodrigo Follis,¹³ cujo foco está na relação entre adventismo, modernidade e fundamentalismo. Antes, porém, cabe outra digressão, mais longa do que a primeira, para apresentar a IASD.¹⁴

Entre os anos de 1840-1844, surgiu nos Estados Unidos um movimento multidenominacional chamado milerita. Tal grupo baseava suas ideias em diferentes interpretações proféticas que resultou [*sic*] no surgimento de diversos grupos de seguidores chamados adventistas. O maior deles tornou-se conhecido como Adventistas do Sétimo Dia.

[...]

Os mileritas, que eram conhecidos por adventistas, foram todos seguidores de Guilherme Miller, um fazendeiro do estado de Nova

¹² SOUZA, 2013, p. 8.

¹³ FOLLIS, 2013, p. 135-169.

¹⁴ Talvez as explicações a seguir desagradem tanto ao especialista como ao não iniciado em virtude da escassez de informações e dados, contudo, apesar de não serem suficientes, elas são consideradas necessárias.

Iorque, nos Estados Unidos, e um ministro licenciado da Igreja Batista que se destacou por sua ênfase na pregação do retorno de Jesus Cristo.¹⁵

Ainda que se reconheça a existência de muitas consequências sociais decorrentes da teologia e *ethos* do movimento milerita, destaca-se como seu legado mais marcante a ressignificação histórico-teológica que se impôs após o *Grande Desapontamento*, uma vez que em 1844 os mileristas tiveram de admitir que suas interpretações bíblicas e datações quanto ao segundo advento de Cristo, notadamente baseadas nas profecias do livro de Daniel, estavam equivocadas – porque, de fato, não se cumpriram da forma aguardada. Após a frustração vivida e reinterpretada, o processo de gestação da IASD se dirigiu à formulação de um conjunto de doutrinas, dentre as quais, destacam-se a perpetuidade da lei de Deus, especialmente da guarda do sábado, o ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial, a imortalidade condicional da alma, a permanência do dom de profecia, bem como uma compreensão mais ampla das profecias bíblicas.

Em 1860, foi definido o nome *Igreja Adventista do Sétimo Dia* para a nova denominação, com a propriedade de enfatizar duas doutrinas fundamentais ao mesmo tempo: o adventismo (a segurança teológica do breve retorno de Cristo) e a guarda do sétimo dia (o sábado bíblico de descanso).¹⁶ Nos anos seguintes (1860-1888), os adventistas do sétimo dia iniciaram o processo de institucionalização de sua organização eclesial: Igreja Local, Associação ou Missão Local, União e Associação Geral (com suas Divisões).¹⁷ Ainda dentro desse período de origem e

¹⁵ STENCEL, Renato. Os mileritas e o Grande Desapontamento de 1844. *Espírito de profecia*, 8 out. 2014. Para uma discussão ampliada do assunto, cf. KNIGHT, George R. *Adventismo: origem e impacto do movimento milerita*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

¹⁶ “Mais de um século e meio atrás, em 1º de outubro de 1860, em Battle Creek, Michigan, um grupo de indivíduos esperando o breve retorno de Jesus escolheu o nome ‘Adventistas do Sétimo Dia’ para si mesmos” (“Sobre o nome”. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/sobre-o-nome/>. Acesso em: 10 dez. 2019).

¹⁷ Cf. “Como é organizada a igreja?” (Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/como-e-organizada-a-igreja/>. Acesso em: 19 dez. 2019).

formação, destaca-se também a organização de instituições de apoio nas áreas de saúde e educação, bem como o envio de missionários para outros países – marcas distintivas da denominação até os dias de hoje em todos os países em que sua presença é significativa.¹⁸

A expansão da IASD nos EUA ocorreu do Norte para o Nordeste e Oeste, estabelecendo sua sede inicial no estado de Michigan, na cidade de Battle Creek. Após o período da Guerra Civil (1861-1865), a IASD começou também a seguir em direção ao Sul dos EUA, tornando-se assim presente em quase todo o território estadunidense. Movidos por um forte desejo de expandir suas doutrinas, os pregadores (desbravadores) da denominação davam ênfase às profecias bíblicas, à observância do sábado e ao retorno de Cristo – elegendo a doutrina do santuário como base de certa integração teológica ou dogmática.¹⁹ Com o passar do tempo, a ênfase nos elementos teológicos que distinguem a denominação adventista de outras do ramo cristão-protestante – como a perpetuidade da lei de Deus, a imortalidade condicional da alma, o santuário celestial e a interpretação das profecias bíblicas – levou muitos adventistas a negligenciarem outros ensinamentos bíblicos considerados centrais – como a salvação pela graça mediante a fé e a suficiência do sacrifício de Cristo (afinal, os demais cristãos já aceitavam e pregavam essas verdades). Pode-se afirmar, portanto, que a identidade por distinção foi realçada em detrimento da identidade por proximidade ou similaridade com outras denominações – postura que foi considerada equivocada e começou a ser corrigida na assembleia mundial da IASD de 1888, em Minneapolis (EUA). Por meio do pensamento e atitude de líderes da denominação apoiados por Ellen G. White, iniciou-se uma nova fase da teologia e da pregação adventista, na qual os elementos fundamentais da fé cristã passaram a ser enfatizados – segundo interpretação dos próprios líderes denominacionais, essa decisão foi um instrumento para fortalecer a IASD, por meio de um exame de autocompreensão e autocrítica.²⁰

¹⁸ SCHWARZ, Richard W; GREENLEAF, Floyd. *Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016.

¹⁹ TIMM, Alberto R. *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2002.

²⁰ KNIGHT, 2005.

Para a IASD, o período de 1888 a 1945 foi acompanhado de crescimento e institucionalização. Em 1900, por exemplo, a denominação contava com cerca de 75 mil membros em todo o mundo,²¹ tornando-se necessária uma reorganização administrativa, que foi marcada pela descentralização, com isso, as sedes administrativas locais e regionais (associações e uniões) receberam maior autonomia. Foi também dentro do mesmo processo que a sede mundial da IASD mudou, em 1903, de Battle Creek, Michigan, para Washington, D.C. O mesmo período foi marcado, ainda, pela morte de toda uma geração de pioneiros, com destaque, por razões óbvias, para a de Ellen G. White em 1915.²² Segundo o escopo deste artigo, importa mesmo mencionar que foi em 1919 que a IASD se reuniu em *Conferência Bíblica* para se posicionar – dentre outros assuntos bíblicos, teológicos e de outras naturezas – em relação à controvérsia liberalismo *versus* fundamentalismo, que assolava as denominações protestantes estadunidenses. Ao final dessa era, no pós-guerra, uma nova realidade mundial estava se formando, e cada vez mais a IASD começou a se deparar com necessidades e demandas de uma igreja globalizada.²³

No período histórico seguinte, de 1945 a 2000, ocorreu a mundialização da IASD. Após a Segunda Guerra Mundial, buscou-se uma nova era na denominação, por exemplo, diante do desafio de solidificação das crenças próprias da IASD, pesquisadores adventistas produziram e publicaram o *Comentário Bíblico Adventista*, a primeira obra do gênero desenvolvida pela denominação, além disso, criaram o Instituto de

²¹ Cf. “Church Membership”. *Office of Archives, Statistics, and Research*. Disponível em: <https://www.adventistarchives.org/church-membership>. Acesso em: 27 dez. 2019.

²² “[...] foi no fértil campo religioso daquele país [EUA], a triunfante história do progresso protestante – diverso em muitos sentidos da religiosidade europeia e erigido sob um ideal puritano de trabalho e austeridade – que ela [Ellen White] visualizou as grandes transformações que marcariam sua vida, atestadas por sua prolífica pena que ao longo de mais de 60 anos de trabalho escreveu e publicou quantitativamente mais do que Calvino ou Lutero”, e não somente teologia, mas a respeito de diversos assuntos concernentes ao comportamento cristão para a realidade da sociedade americana (DARIUS, Fábio Augusto. *De corpo, alma e espírito*: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White. 2014. 246 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escala Superior de Teologia, São Leopoldo-RS, 2014. p. 16-17.).

²³ SCHWARZ; GREENLEAF, 2016.

Pesquisa Bíblica, formado por eruditos adventistas que mantêm contato com o mundo teológico cristão, bem como o Instituto de Pesquisa em Geociências, destinado a fomentar o diálogo entre fé e ciência (tema muito caro aos adventistas). Foi também durante esse período que milhões de novos membros foram incluídos na IASD, a maior parte proveniente de países da América Latina, África e Ásia. Assim, a IASD começou a viver uma realidade independente dos EUA e com perfil mais global.

Segundo Fábio Augusto Darius, dos 28 ensinos bíblicos, considerados basilares para a IASD, apenas quatro podem de algum modo destoar de certo padrão doutrinário cristão, compartilhado por igrejas e denominações em todo o mundo:

[...] o ensino do “Grande Conflito”, que advoga um conflito cósmico entre Cristo e Satanás iniciado ainda no Céu antes da criação do mundo e que dá sustentação ao corpo teológico ao ser seu “alfa” e “ômega” (sabendo que para Ellen White a restauração integral do ser humano e da Terra será efetuada somente com o fim do referido conflito); o ensino relativo ao “remanescente e sua missão”, caracterizando o adventista do sétimo dia como o último povo escolhido para terminar os dias na Terra antes da Parusia; o “dom de profecia”, que reconhece Ellen White como mensageira com características análogas às dos profetas bíblicos vétero e neotestamentários; e, como não poderia deixar de ser, visto que aparece no próprio nome da referida igreja, o ensino do Sábado do sétimo dia como o dia de guarda – memorial da Criação e futuro ponto de embate, imediatamente antes da vinda do Senhor, bem como o ensino da imortalidade condicional ou o chamado “sono da alma” [...].²⁴

No Brasil, a IASD iniciou suas atividades por volta de 1880, com a chegada de imigrantes alemães ao sul do país, dentre os quais se destaca a figura de Carlos Dreefke, por ter sido o adventista que recebeu os primeiros exemplares da revista *Stimme der Wahrheit* (Voz da Verdade) em terras brasileiras,²⁵ possibilitando que uma comunidade se formasse pela

²⁴ DARIUS, 2014. p. 79-80.

²⁵ “A data que os pesquisadores atribuem para a chegada do primeiro pacote com a revista *Stimme der Wahrheit* varia de 1879 a 1884, mas as melhores evidências apoiam a conclusão de até 1880” (GREENLEAF, Floyd. *Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 25).

reunião dos primeiros adventistas do sétimo dia, convertidos em território nacional, nas cidades de Brusque e Gaspar Alto, Santa Catarina.²⁶

Em meio a tantas denominações e igrejas cristãs, e outras religiões no Brasil, como localizar o adventismo do sétimo dia no país? Ao propor alguns exercícios de demografia religiosa sobre o declínio dos evangélicos de missão no Brasil,²⁷ segundo os dados do Censo de 2010, Leonildo Silveira Campos tece os seguintes comentários:

Os adventistas são 20,30% dos “evangélicos de missão” e têm seu melhor desempenho na Região Norte (42,16%). Seria tal desempenho por causa do intenso trabalho social junto às comunidades pobres que vivem às margens dos rios da Amazônia? O pior desempenho está na Região Sudeste (14,73%). Seria tal *performance* nessa região industrializada e burocratizada um empecilho à guarda do sábado que começa às 18h da sexta-feira? O crescimento dos adventistas na década foi o maior na categoria dos “evangélicos de missão” (36,65%). Em 2000 eles eram 16,46% da população evangélica, passando para 20,30% em 2010. A percentagem de adventista foi de 0,82% da população brasileira no último Censo.²⁸

Não pretende este artigo responder às questões propostas por Campos quanto ao desempenho da IASD em cada região do país, mas, antes,

²⁶ GREENLEAF, 2011. Segundo Haller E. S. Schünemann, a literatura para o evangelismo adventista existia somente em inglês e alemão, portanto, as colônias alemãs isoladas no Brasil se tornaram alvo da ação (SCHÜNEMANN, Haller E. S. *O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. São Bernardo do Campo: UESP, 2002).

²⁷ Evangélicos de missão, no Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são os grupos cristãos não católicos de origem reformada que reúnem protestantes de missão e de imigração.

²⁸ CAMPOS, Leonildo Silveira. “Evangélicos de missão” em declínio no Brasil: exercícios de demografia religiosa à margem do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 151. Para uma atualização dos dados, segundo o último relatório anual da IASD (publicado em 2019), no ano de 2017, eram 1.666.125 os membros adventistas registrados no Brasil. Cf. “2019 Annual Statistical Report – 155th Report of the General Conference of Seventh-day Adventists for 2017”. *Office of Archives, Statistics, and Research*, p. 68. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR/ASR2019.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2019.

colocar em questão como esses brasileiros adventistas, numericamente discretos, classificam-se em face do fundamentalismo protestante – daí a importância da *RA* como fonte primária para acesso à elaboração teológica do adventismo sobre o fundamentalismo.

2. IASD: identidade e fundamentalismo

Quanto à construção da identidade adventista, George R. Knight, de modo muito didático, lista algumas crises passadas pela denominação e que serviram para seu desenvolvimento:

Até 1919, a Igreja Adventista do Sétimo Dia havia passado por duas crises de identidade. A primeira, o Grande Desapontamento de outubro de 1844, provocou a pergunta: “O que é adventista no adventismo?” A segunda, que culminou nas reuniões de Minneapolis em 1888, levantou a pergunta: “O que é cristão no adventismo?” Isso colocou a questão de como a denominação devia relacionar as contribuições distintivas adventistas à teologia com as crenças compartilhadas com outros cristãos evangélicos.²⁹

Na sequência, o autor afirma que, na década dos anos 1920, “a discussão sobre os aspectos do adventismo foi retomada, mas ao mesmo tempo a denominação enfrentou um terceiro grande desafio à sua identidade: ‘O que é fundamentalista no adventismo?’”³⁰ Assumindo que há variações sobre o que é o fundamentalismo, Knight advoga que o movimento foi uma reação (mais forte que a do conservadorismo) aos desafios que o liberalismo teológico lançou à fé, inclusive os de caráter científico. Sendo que, dentre os fundamentos do fundamentalismo, o mais forte diz respeito a uma questão de autoridade religiosa, noutros termos, “o centro da controvérsia, na visão dos fundamentalistas, era o conceito de a Bíblia ser completamente digna de confiança em todos os aspectos”.³¹

²⁹ KNIGHT, 2005, p. 131.

³⁰ KNIGHT, 2005, p. 132.

³¹ KNIGHT, 2005, p. 134.

Knight reconhece, ainda, que os adventistas nunca foram liberais teologicamente, e que estavam longe disso mesmo na década de 1920, portanto, não reconhece como legítimo o exagero que deram os fundamentalistas, mesmo adventistas, à noção de inspiração verbal (inerrância bíblica) dos autógrafos. Para ele, o dualismo exagerado entre modernistas de um lado e fundamentalistas de outro é uma simplificação que merece ser evitada. Em contrapartida, a posição do adventismo, representada por muitos de seus líderes, pode ser considerada mais fundamentalista (em sentido positivo) do que a do próprio fundamentalismo (movimento protestante originário):

Durante a década de 1920, os líderes adventistas do sétimo dia viram que tinham afinidades básicas com a causa fundamentalista, mas criam que seus proponentes ficavam a desejar em princípios como o sábado do sétimo dia. Assim, os adventistas repetidas vezes argumentavam que eles eram de fato os únicos fundamentalistas verdadeiros.³²

E não somente pela questão do sábado do sétimo dia, mas também pela teologia do estado dos mortos, do ministério bifásico de Jesus no céu, dentre outros temas doutrinários. Apesar de afirmarem uma posição moderada quanto à inspiração das Escrituras, os adventistas se consideram *fundamentalistas*. Por conseguinte, faz-se necessário retomar a questão dos *supostos paradoxos* sugeridos pelo subtítulo do capítulo de Follis no livro organizado por Souza: “Para Follis, o adventismo se expressa como *uma religião moderna, em sua ênfase racional e libertária, e fundamentalista, em sua visão bíblico-profética*”.³³

Um dos paradoxos propostos merece destaque e atenção. Encontra-se esboçado numa citação extraída do livro *O último império: a nova ordem mundial e a contrafação do reino de Deus* (autoria de Vanderlei Dorneles), que Follis utiliza tanto na introdução como na última frase do capítulo: “embora os adventistas mantenham a crença na historicidade do relato bíblico da criação e de toda a Escritura e defendam a

³² KNIGHT, 2005, p. 136.

³³ SOUZA, 2013, p. 12.

dimensão histórica das profecias, eles mantêm diversos outros valores e crenças que os classificam como cristãos modernos”.³⁴ Retirada de um contexto mais amplo – isto é, de num livro que trata de profecias e de seus cumprimentos, e o lugar da nação estadunidense nos tempos que antecederão o segundo advento, segundo a escatologia adventista –, o fato de a citação iniciar com um “embora” conduz o leitor a pensar em dois espíritos (mentalidades) ou atitudes que, considerados opostos e até excludentes entre si, na IASD, encontram-se em correlação: fundamentalismo e modernidade.

O que Follis sugere é a passagem de uma abordagem adversativa, a considerar que uma denominação religiosa *ou* é moderna *ou* fundamentalista, para outra, mais conjuntiva, segundo a qual uma denominação pode ser fundamentalista *e* moderna. Para conduzir a argumentação, o autor lança mão de duas perguntas muito pertinentes: (1) “qual a relação da Igreja Adventista com o conceito sociológico de fundamentalismo?”; e (2) “como a aparente disparidade de conceitos e de fronteiras para uma definição acerca do fundamentalismo poderia ajudar ou impedir uma clara classificação do posicionamento socioteológico adventista?”³⁵ No que toca a questões teológicas com consequências sociais inegáveis, Follis conclui que, desde os primórdios, o adventismo pode ser localizado no paradoxo (ou fronteira) entre “uma religião moderna, em sua ênfase racional e libertária, e fundamentalista, em sua visão bíblico profética”.³⁶ Portanto, é preciso ter cautela ao chamar o adventismo de fundamentalista. Em contrapartida, prossegue o autor, tomando o adventismo como parte de uma construção identitária de mundo, “não nos opomos a chamá-lo de fundamentalista”,³⁷ por fazer jus a várias características do movimento fundamentalista.

A fim de ultrapassar os limites da argumentação interna ao texto de Follis, no mesmo livro *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*, Oziel Lourenço de Carvalho trata das discussões e dissensões entre liberais e conservadores (dentre eles, muitos fundamentalistas) no seio das

³⁴ DORNELES *apud* FOLLIS, 2013, p. 136, 163.

³⁵ FOLLIS, 2013, p. 136.

³⁶ FOLLIS, 2013, p. 163.

³⁷ FOLLIS, 2013, p. 163.

igrejas batistas e presbiterianas nos EUA no final do século XIX e início do XX. Dado o clima pesado dentro dessas denominações protestantes, acusações de parte a parte se tornaram corriqueiras, e as outras tiveram também de se posicionar: “Denominações como Discípulos de Cristo, Adventistas do Sétimo Dia, Mórmons e o Exército da Salvação se puseram do lado dos fundamentalistas”.³⁸ De fato, por coerência, não poderia ter sido outra a atitude do adventismo: “igual a todo protestante histórico, a IASD tradicionalmente forneceu grande importância a uma pregação cognitiva (racional) baseada na leitura e na busca pela *correta* interpretação do texto bíblico”.³⁹

Em contrapartida, mesmo dentro do terreno teológico, Follis (em diálogo com Knight) propõe uma relativização do fundamentalismo no adventismo do sétimo dia:

É possível perceber uma evidência de fundamentalismo no adventismo na pregação deste movimento em se considerar “escolhido” por Deus através de uma eleição profética. Entretanto, por outro lado, um traço antifundamentalista, como apontado por George Knight [...], é a tentativa adventista de resistir “à tentação de formalizar um corpo de crenças que sejam inflexíveis”, mesmo tendo “com o passar do tempo definido suas ‘crenças fundamentais’”. Nesse sentido, Ellen G. White [...] já aconselhava a igreja a não pensar que “toda a verdade” já havia sido encontrada. Embora ela acreditasse que as principais colunas da fé já haviam sido compreendidas, sempre se abriu espaços para entender a “verdade presente” como “progressiva” e contínua.⁴⁰

Exposta a questão de como a IASD pode ser contada, com ressalvas, dentre os fundamentalistas, resta mensurar em que sentido ela é uma igreja de cristãos modernos, segundo a fórmula de Dorneles destacada por Follis:

³⁸ CARVALHO, Oziel Lourenço de. Fundamentalismo protestante. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 61.

³⁹ FOLLIS, 2013, p. 136.

⁴⁰ FOLLIS, 2013, p. 147.

[...] tal paradoxo da modernidade pode ser visto da teologia à estrutura administrativa do adventismo. Ao se institucionalizar, percebemos o aumento nas construções de hospitais, escolas, entre outras instituições sociais, assim como massivos investimentos nos sistemas de comunicação.⁴¹

Do conjunto das proposições de Follis, infere-se que o imaginário teológico (nos planos individual e institucional) adventista e o estilo de vida associado a ele associam modernidade e fundamentalismo mais como complementaridade do que como paradoxo. Basta lembrar que as recomendações de dietas saudáveis – inclusive, com empresas adventistas responsáveis pela fabricação dos produtos recomendados aos fiéis – e os centros de pesquisas que relacionam fé e ciência, para citar somente dois exemplos, nasceram de um desejo de correspondência com aquilo que os adventistas acreditam ser as prescrições bíblicas para a denominação – e, quiçá, para todo o mundo, daí sua forte ênfase missionária.

Quanto à relação do fundamentalismo protestante com a modernidade, vale lembrar a opinião de Jürgen Moltmann:

o fundamentalismo original não se defrontou diretamente com os princípios do mundo moderno, mas apenas com as influências que este exercia sobre sua comunidade de fiéis. Por isso a imagem que os fundamentalistas têm do “mundo moderno” deve ser deduzida indiretamente de sua polêmica contra o liberalismo, a secularização e o modernismo em suas próprias fileiras. Os fundamentalistas não reagem às crises do mundo moderno, mas às crises que o mundo moderno provoca em sua comunidade de fé e em suas convicções básicas.⁴²

Não parece mesmo haver contradição (ou paradoxo) entre ser moderno e ser fundamentalista, ao contrário, pode-se afirmar que o adventismo do sétimo dia (ou quaisquer outras denominações e movimentos com características similares) é *fundamentalista* porque *moderno*.

⁴¹ FOLLIS, 2013, p. 158.

⁴² MOLTSMANN, Jürgen. Fundamentalismo e modernidade. *Concilium*, n. 241, p. 142, 1992-1993.

3. IASD: fundamentalismo em revista

Para a compreensão do adventismo em face do fundamentalismo no século XXI – uma vez que as discussões e classificações apresentadas na maioria das obras de referência utilizadas vão até o ano 2000 –, fez-se uma busca do assunto no acervo da *RA*,⁴³ cuja primeira edição foi publicada em 1906. Embora fossem poucos os adventistas no Brasil no início do século XX,⁴⁴ isso não foi empecilho para que um grupo de membros da região Sul do país – constituído em sua maioria de imigrantes da Europa – tomasse a decisão de iniciar um periódico para a comunidade adventista brasileira.⁴⁵

Quase toda iniciativa pioneira tem um começo pequeno. Isso não foi diferente com a *Revista Adventista*. A primeira edição, em janeiro de 1906, tinha 12 páginas, em preto e branco, a maioria dedicada às Lições da Escola Sabatina – que, por sinal, nem sempre seguiam uma temática definida. Em 1908, a revista mudou a periodicidade para mensal, mas perdeu tamanho, ficando com oito páginas. O número de páginas saltou para 16 em 1918, pulou para 32 em 1931, chegou a 48 em 1977 e, a partir daí, se manteve na casa das 40, sendo 15 dedicadas a notícias.⁴⁶

Antes da *RA*, dentro das fronteiras da IASD, existiu apenas um periódico, intitulado *Arauto da Verdade*, publicado de 1900 a 1913 (depois, substituído pela revista *Sinais dos Tempos*), que não conseguiu atender às

⁴³ É claro que a *RA* representa a mentalidade da IASD tomada pelo *alto* (hierarquicamente), pois se trata do órgão oficial e/ou geral da denominação; em contrapartida, ela não deixa de ser o veículo de comunicação mais próximo do povo adventista no Brasil – e também um dos principais *cartões de visita* da denominação para os não aderentes a ela.

⁴⁴ No relatório referente ao ano de 1906, encontram-se informações de membros por regiões no Brasil, totalizando ao final daquele ano 1.070 membros registrados em todo o território nacional (“Statistical Report of Seventh-day Adventist Conferences and Missions for the Year Ending December 31, 1906”. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR/ASR1906.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2019).

⁴⁵ BENEDICTO Marcos De; BORGES Michelson. *Um século de história: Revista Adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

⁴⁶ BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 9.

demandas da comunidade adventista em sua época. As seções da *RA*, por sua vez, continham desde a época inicial – como ainda contêm – artigos, reflexões, notícias, dentre outros assuntos, cujo objetivo principal sempre foi alcançar a maior parte dos membros da denominação com temas teológicos e eclesiais, além de noticiar o desenvolvimento da IASD no Brasil e em outros países.⁴⁷ Frente aos novos desafios de alcançar adventistas no Brasil todo e de todas as idades, e não somente aqueles com acesso às edições impressas da *RA*, a revista passou a ser publicada também em versão digital (*on-line*), além de oferecer uma ferramenta para permitir o acesso digital a todo o acervo da *RA* – que pode, portanto, ser pesquisado na íntegra –, possibilitando a apreensão da história, pensamento teológico e de outras naturezas, ética, valores, tradições e comportamento da IASD, em mais de um século de presença da denominação no Brasil.

Para a questão do fundamentalismo, o procedimento de pesquisa adotado aqui foi o seguinte: no site da *RA*,⁴⁸ foi acessado o “acervo”,⁴⁹ e no espaço próprio para as buscas (indicado pela palavra “verbete”) foi inserido o descritor *fundamentalis* – para que os resultados alcançassem as seguintes palavras: fundamentalismo, fundamentalismos, fundamentalista e fundamentalistas. No período todo, ou seja, de 1906 a 2019, foram encontradas 77 páginas com resultados. Pelo *critério de exclusão* adotado, qual seja, nenhum texto anterior ao ano 2000, a segunda busca percorreu os anos de 2000 a 2019, sendo encontradas 41 páginas com resultados. De cara, há uma confirmação da hipótese inicial: nunca se falou ou se escreveu tanto sobre fundamentalismo como nas últimas décadas. Como este artigo não está baseado em pesquisa quantitativa, como *critério de inclusão* para a escolha e definição dos textos analisados (em sequência cronológica) a seguir, foi utilizada a relação conceitual entre fundamentalismo (no adventismo) e modernidade, principalmente no que concerne ao estatuto da fidedignidade da Bíblia e à leitura e interpretação dos textos bíblicos relacionados à criação.⁵⁰

⁴⁷ BORGES, Michelson. *A chegada do adventismo ao Brasil*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

⁴⁸ Disponível em: <http://www.revistaadventista.com.br/>.

⁴⁹ Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>.

⁵⁰ Critério que não é aleatório, mas resulta da proposição de Dorneles escolhida por Follis como fio condutor de seus argumentos.

Em outubro de 2002, Michelson Borges e Levi Batista, em matéria a respeito de um seminário sobre “Filosofia das Origens” organizado pela Sociedade Criacionista Brasileira (SCB), fizeram o seguinte registro do entrevistado Marcus Vinícius de Paula, um dos organizadores do evento (que ocorreu no Rio de Janeiro aos 16 e 17 de agosto de 2002): “Queremos informar e preparar os jovens e adolescentes para enfrentar o bombardeio das teorias evolucionistas e principalmente o da mídia popular sensacionalista, a qual tenta retratar os cientistas criacionistas como pseudocientistas fundamentalistas e retrógrados”.⁵¹ Na resposta do entrevistado, há uma relação – a ser evitada – entre *fundamentalismo* e *pseudociência*, ou seja, quem faz ciência, de fato, mesmo que seja “Ciência da criação” (criacionismo), não deve aceitar o rótulo fundamentalista.

Em fevereiro de 2006, em artigo com o propósito de demonstrar que os adventistas se tornaram o maior grupo guardador do sábado em todo o mundo, Michelson Borges voltou à cena com a seguinte afirmação: “atualmente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é tida como a maior defensora do criacionismo bíblico. Por isso já foi até acusada de ‘fundamentalista’ por revistas seculares”.⁵² Mais uma vez, há um reforço – no caso, gráfico – para rechaçar a pecha fundamentalista associada ao adventismo: o fato de a palavra estar impressa entre aspas.

Os dois casos seguintes repetem a fórmula de associar o adventismo ao fundamentalismo (mas entre aspas). Em setembro de 2013, Douglas Reis publicou a cobertura do simpósio universitário do Instituto Adventista Paranaense (IAP), ocorrido aos 9 e 10 de agosto de 2013, cujo título (temático) foi “Criacionismo no século 21: perspectivas para uma práxis científica compatível com a cosmovisão cristã”:

[No evento,] “Michelson Borges retratou como a grande imprensa tem retratado o criacionismo e os criacionistas. ‘Logo, os ‘fundamentalistas’ que creem no relato de Gênesis serão perseguidos de

⁵¹ BORGES, Michelson; BATISTA, Levi. Criacionismo em pauta: seminário e pesquisa apontam evidências científicas para a Criação. *Revista Adventista*, p. 35, out. 2002.

⁵² BORGES, Michelson. O povo do sábado: Igreja Adventista torna-se o maior grupo guardador do sábado no mundo. *Revista Adventista*, p. 22, fev. 2006.

forma mais cruel, como a profecia indica [segundo as interpretações próprias dos adventistas]’, projetou Michelson”.⁵³

Na edição de dezembro de 2013, instigado pelo entrevistador Eduardo Rueda quanto à relação da IASD com fundamentalismo, o entrevistado Emilson dos Reis respondeu da seguinte forma:

Os adventistas têm sido considerados fundamentalistas, ao lado de outros grupos religiosos, por acreditarem na literalidade do texto bíblico. Que motivos temos para manter firme nossa posição? O termo “fundamentalista” tem, hoje, uma conotação bastante negativa. Não nos consideramos nem somos fundamentalistas, mas cremos em toda a Bíblia Sagrada. Entendemos que ela deve ser considerada literal, a não ser que o texto estudado dê clara evidência de ser simbólico ou figurativo. Quando isso ocorre, procuramos então na própria Bíblia o significado do símbolo, nunca deixando de respeitar as regras de interpretação.⁵⁴

Afinal, como deve ser vista a IASD neste início de século – que já caminha, na verdade, para o final de seu primeiro quarto – no que concerne à controvérsia liberalismo *versus* fundamentalismo? Segundo Marcos De Benedicto, no editorial de agosto de 2015, “na foto oficial, a noiva de Cristo não deve sair com uma máscara liberal nem com uma carranca fundamentalista, mas com um sorriso nos lábios e o brilho da imagem dele nos olhos”.⁵⁵ Vale ressaltar que autor está a se referir à 60^a assembleia mundial da IASD, ocorrida de 2 a 11 de julho de 2015, em San Antonio, Texas (EUA).

Em agosto de 2017, no artigo “A dívida da ciência com a religião”, Glauber Araújo ofereceu contribuição muito oportuna para conectar os assuntos que interessam a esta discussão (*interpretação da Bíblia e ciência*) frente à presença ou não do fundamentalismo na IASD:

⁵³ REIS, Douglas. Com base na Bíblia. *Revista Adventista*, p. 39, set. 2013.

⁵⁴ RUEDA, Eduardo; REIS, Emilson dos. A revelação de Deus: as Escrituras contêm princípios válidos para todas as épocas e lugares. *Revista Adventista*, p. 7, dez. 2013.

⁵⁵ BENEDICTO, Marco De. Editorial – Retrato de um povo. *Revista Adventista*, p. 2, ago. 2015.

Em resumo, podemos concluir que a interpretação literal do texto bíblico resgatada pelos protestantes foi um dos fatores a impulsionar o surgimento da ciência moderna, com sua ênfase no estudo empírico da natureza. É, portanto, uma ironia pensar que, em nossos dias, interpretar literalmente o texto bíblico seja visto como símbolo de fundamentalismo e um obstáculo para o avanço científico. Ao que parece, a moral da história entre ciência e religião é que a primeira tem uma dívida com a Reforma Protestante.⁵⁶

A edição de julho de 2019 é decisiva, mas não definitiva, para finalizar esta seção – justamente por resgatar, 100 anos depois, a controvérsia em que a IASD se envolveu sobre a controvérsia liberalismo *versus* fundamentalismo. Logo no editorial – com o sugestivo título: “O ano que não terminou” –, Marcos De Benedicto afirmou que, “para os adventistas, a Conferência Bíblica de 1919 continua servindo de alerta sobre os riscos da polarização”. E completou:

No fundo, a polarização no adventismo não começou em 1919 nem terminou nesse ano, mas essa data ficou na história como o momento em que a igreja olhou para si mesma, como num jogo de espelhos, e percebeu que ela tem mais de uma face. Hoje uma coisa está clara: via de regra, nem os despreocupados “pecadores” liberais nem os furiosos “santos” fundamentalistas têm razão. O equilíbrio não está nos extremos.⁵⁷

No mesmo número da *RA*, Michael W. Campbell defendeu que a conferência bíblica de 1919 foi uma das mais importantes ocorridas em toda a história da IASD, e que a polarização que tomou conta de seus debates ainda persiste. Não dá para explorar toda a riqueza de informações e conceitos do artigo – o autor é especialista no assunto, sendo, inclusive, autor do livro *1919: The Story of Adventism's Struggle with Fundamentalism* –, mas vale a pena o registro de uma definição, destacada no texto

⁵⁶ ARAÚJO, Glauber. A dívida da ciência com a religião: o estudo científico teve como impulso o método de interpretação da Bíblia redescoberto pelos protestantes. *Revista Adventista*, p. 40, ago. 2017.

⁵⁷ BENEDICTO, Marcos De. O ano que não terminou. *Revista Adventista*, p. 2, jul. 2019.

(em *caixa* separada do conteúdo principal), que o próprio Campbell oferece para fundamentalismo:

Neste artigo [de Campbell], o termo se refere ao movimento teológico que se originou no cristianismo norte-americano no início da Primeira Guerra Mundial, em resposta às novas correntes teológicas que surgiram com força nesse período. Em especial, se levantou contra o “método histórico-crítico” de estudo da Bíblia, que minava a confiança na inspiração e veracidade das Escrituras. Por sua vez, o fundamentalismo enfatizava a interpretação literal da Bíblia (literalismo bíblico). A Igreja Adventista é considerada “fundamentalista” no sentido de que constrói suas doutrinas e práticas na Bíblia, mas não no sentido de interpretar literalmente as Escrituras sem prestar atenção a uma exegese contextual da passagem.⁵⁸

O que há de fundamentalismo no adventismo? Mais uma vez, o qualificativo grafado entre aspas parece significar muita coisa.

Considerações finais

Com relação ao objetivo geral, qual seja, oferecer mais uma contribuição para a compreensão do fundamentalismo no protestantismo brasileiro, este artigo chega às considerações finais – que, na verdade, apenas introduzem a discussão – com uma novidade: se há fundamentalismo na IASD, trata-se de um fundamentalismo entre aspas, no sentido de desalojar o termo de contexto ou sentido habitual. Os adventistas brasileiros se chamam de fundamentalistas, mas relativizam (em comparação com o movimento original) seu fundamentalismo.

Como o fundamentalismo originário foi ao mesmo tempo uma reação contrária à modernidade e uma apropriação dela em alguns aspectos, por exemplo, ao utilizar seletivamente as contribuições da ciência para comprovação de verdades bíblicas e doutrinárias, para quem olha *de*

⁵⁸ CAMPBELL, Michael W. De volta a 1919: uma das mais importantes conferências bíblicas da igreja foi realizada há cem anos, mas a polarização teológica evidenciada naquela reunião continua. *Revista Adventista*, p. 12-15, jul. 2019.

fora, o recrudescimento do fundamentalismo no adventismo pode ser enxergado tanto em interpretações de profecias bíblicas como na defesa do criacionismo, para citar somente dois grandes grupos temáticas. Porém, *desde dentro*, ou seja, segunda interpretação intramuros, isso não faz dos adventistas fundamentalistas *stricto sensu*.

Ainda que Follis possa estar com a razão ao afirmar que o adventismo é “uma religião moderna, em sua ênfase racional e libertária, e fundamentalista, em sua visão bíblico profética”⁵⁹ – não como paradoxo, como pretende ele, mas como algo complementar, como se propõe neste artigo, mais razão ainda parece ter Ivo Pedro Oro, numa afirmação que já se tornou célebre em estudos do fundamentalismo no Brasil:

Tanto se fala em fundamentalismo que esse termo já está inflacionado. Em geral, carrega uma carga negativa e uma conotação pejorativa. Fundamentalista seria o fanático, o sectário, o intolerante, o conservador, o autoritário, o totalitário... e sempre são os “outros”. Por causa disso, até os clássicos representantes desse movimento no protestantismo de hoje preferem o título de *evangélico-conservador* ao de *fundamentalista*.⁶⁰

A proposição de Oro parece descrever com exatidão várias denominações protestantes no Brasil (ou, pelo menos, setores e grupos dentro delas), inclusive, a IASD. Aconteceu que durante o século XXI, a IASD parece ter substituído o qualificativo *evangélico-conservador* por “fundamentalista” (assim, entre aspas). Mas, para aquelas mentalidades que somente se contentam com opiniões firmes e taxativas, encerra-se este artigo com uma frase, retirada da página 10 da edição de fevereiro de 2019 da *RA*, cunhada por Nicholas Miller: “Os adventistas do sétimo dia não são fundamentalistas”.⁶¹

⁵⁹ FOLLIS, 2013, p. 163.

⁶⁰ ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 23.

⁶¹ Trata-se de uma página parecida com a de outras revistas de grande circulação, em que as notícias são ligeiras, especialmente sobre pessoas e acontecimentos importantes, e ao final aparece uma frase em letras graúdas, sistematizando um pensamento, reflexão, opinião etc. A frase em questão, do professor de História da Igreja na Universidade Andrews, na palestra de abertura do encontro da Associação de Historiadores

Referências

- ARAÚJO, Glauber. A dívida da ciência com a religião: o estudo científico teve como impulso o método de interpretação da Bíblia redescoberto pelos protestantes. *Revista Adventista*, p. 38-40, ago. 2017. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbflip.cpb?ed=2416&pag=2&s=52119144>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- BENEDICTO Marcos De; BORGES Michelson. *Um século de história: Revista Adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- _____. Editorial – Retrato de um povo. *Revista Adventista*, p. 2, ago. 2015. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbflip.cpb?ed=2358&s=2303834400>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- BENEDICTO, Marcos De. O ano que não terminou. *Revista Adventista*, p. 2, jul. 2019. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbflip.cpb?ed=2416&pag=2&s=52119144>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BORGES, Michelson. *A chegada do adventismo ao Brasil*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. O povo do sábado: Igreja Adventista torna-se o maior grupo guardador do sábado no mundo. *Revista Adventista*, p. 22-23, fev. 2006. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbflip.cpb?ed=1831&s=2303834400>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- BORGES, Michelson; BATISTA, Levi. Criacionismo em pauta: seminário e pesquisa apontam evidências científicas para a Criação. *Revista Adventista*, p. 35, out. 2002. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbflip.cpb?ed=1869&pag=35&s=2303834400>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- CAMPBELL, Michael W. De volta a 1919: uma das mais importantes conferências bíblicas da igreja foi realizada há cem anos, mas a polarização

Adventistas, na Universidade Adventista de Washington, no início de janeiro de 2018, enfatiza que, apesar de o adventismo ser um movimento conservador, tem evitado os erros do fundamentalismo. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbflip.cpb?ed=2398&s=452516800>. Acesso em: 30 dez. 2019.

- teológica evidenciada naquela reunião continua. *Revista Adventista*, p. 12-15, jul. 2019. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbflip.cpb?ed=2416&s=1409056920>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. “Evangélicos de missão” em declínio no Brasil: exercícios de demografia religiosa à margem do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 127-160.
- CARVALHO, Oziel Lourenço de. Fundamentalismo protestante. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 45-72.
- DARIUS, Fábio Augusto. *De corpo, alma e espírito: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White*. 2014. 246 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escala Superior de Teologia, São Leopoldo-RS, 2014.
- FOLLIS, Rodrigo. Igreja Adventista do Sétimo Dia: supostos paradoxos nas definições de fundamentalismos. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 135-169.
- GREENLEAF, Floyd. *Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- KNIGHT, George R. *Adventismo: origem e impacto do movimento milenarista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- _____. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- MOLTMANN, Jürgen. Fundamentalismo e modernidade. *Concilium*, n. 241, p. 141-148, 1992-1993.
- NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. Trad. Antônio Gouvêa Mendonça. São Paulo: Ciências da Religião; ASTE, 1992.
- ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- REIS, Douglas. Com base na Bíblia. *Revista Adventista*, p. 39, set. 2013. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbflip.cpb?ed=2286&s=2303834400>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- RUEDA, Eduardo; REIS, Emilson dos. A revelação de Deus: as Escrituras contêm princípios válidos para todas as épocas e lugares. *Revista*

- Adventista*, p. 6-7, dez. 2013. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbflip.cpb?ed=2304&s=2303834400>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- SCHÜNEMANN, Haller E. S. *O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais e Religião).
- SCHWARZ, Richard W; GREENLEAF, Floyd. *Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016.
- SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- STENCEL, Renato. Os mileritas e o Grande Desapontamento de 1844. *Espírito de profecia*, 8 out. 2014. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/espiritodeprofecia/os-mileritas-e-o-grande-desapontamento-de-1844/>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- TIMM, Alberto R. A history of Seventh-day Adventist views on Biblical and prophetic inspiration (1844-2000). *Journal of the Adventist Theological Society*, 10/1-2, p. 486-542. Disponível em: <http://archive.ats-jats.org/JATS10-30Timm.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.
- _____. *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2002.

Submetido em: 03/01/2020

Aceito em: 24/11/2020